



# ESPERANÇAR 100 ANOS DE PAULO FREIRE

**Luan Freitas // RJ, Brasil** “Esse é um tipo de trabalho que é a imagem fala por si só. A figura, que é um recorte de uma fotografia que realizei ao entorno do MAM/RJ. Traduz em bom tom, como a emblemática árvore significa o Esperançar. Toda sua transformação para se manter erguida diante das adversidades, é justamente o que lhe dá a força para continuar sonhando e sustentando suas dores, e porque não, juntamente erguer e dar apoio a caminhada de outros. Ainda, como análise do leiaute, insere-se um encaixe tipográfico que pareceu nascer um para o outro, onde uma fonte alta e de tamanho grande, reserva um espaço para enfatizar aqueles que caminham e aquela abrilhanta sua força.”

# Paulo Freire e o caráter revolucionário da Pedagogia do Oprimido

Karina da Silva Bispo<sup>1</sup>, Raul Wallace Amorim Carvalho<sup>2</sup> e Rafael Pereira Lobo<sup>3</sup>

Resumo // Com o centenário (2021) de Paulo Freire e as perseguições ideológicas travadas para com o autor instalou-se uma disputa de narrativas que dentre elas a caracterização de Paulo Freire como um pensador pós-estruturalista, por este cenário objetiva-se problematizar a obra Pedagogia do Oprimido (2011) do autor, com intento de analisar seu caráter revolucionário e aferir a presença de características da filosofia epistemológica do materialismo histórico dialético, uma vez que, por distintas literaturas, caracteriza-se o autor como um pensador existencialista, fenomenológico, antimarxista. Para refutá-las, o artigo se alicerça na pesquisa qualitativa bibliográfica do livro supracitado em comunhão com a obra Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido (1992). Estrutura-se assim dois eixos de análise: caracterizar a falsa dicotomia entre subjetivo e objetivo e elucidar o referencial teórico por meio da análise dos capítulos da Pedagogia do Oprimido.

Palavras-chave // Pedagogia do Oprimido; Paulo Freire; Pedagogia da Esperança.

---

1 Militante do Levante Popular da Juventude e da Consulta Popular. Graduada no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba.

2 Professor de ciências da natureza da rede estadual de São Paulo e graduando de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba.

3 Professor de ciências da natureza da rede estadual de São Paulo e graduando de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba.

## Introdução: “o caminho se faz caminhando”

Se a minha palavra não fosse refundada eu não poderia sofrer a experiência da refundação da palavra no silêncio absoluto.  
(Paulo Freire)<sup>4</sup>

Em “O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social” (FREIRE, HORTON. 2003) a práxis da dialética se expõe ao leitor uma vez que elucida a reflexão em torno da relação da construção dos sujeitos na medida em que se estabelecem na história, ou seja, na medida que uma ação para a transformação ocorre, os sujeitos nela envolvidos são transformados. Por isto, o ensejo de que “muitos de nós estejamos apreendendo como é difícil fazer história, e como é importante apreender que nós estamos sendo feitos pela história que fazemos no processo social dentro da história (FREIRE; HORTON, 2003, p. 204)” explicita a dialética do viver humano em comunhão social.

É nesta perspectiva que Paulo Freire, como ser histórico, em constante processo de tese, antítese e síntese, reconhece a ingenuidade da escrita de seus primeiros textos. Obras estas que encontram uma limitação profunda em entender o caráter político da educação como também a estrutura de classes que a envolve. Por vezes, são estes os textos usados para alicerçar pensamentos filosóficos fundamentados na perspectiva do niilismo, epistemologia estruturalista ou pós-moderna.

Uma vez feita a devida ratificação, a escrita de Freire ganha contornos revolucionários fortemente demarcados. Neste processo o autor compreende a educação como um ato político e afirma que não existe uma prática neutra, como também confirma a existência de diversos projetos ideológicos que estão em disputa na sociedade.

[...] é neste sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, fazemos a educação e de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos essa clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade

4 MELLO, Thiago de. POESIA. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 373 – 374, 2019.

de separar o inseparável: a educação da política (FREIRE, 1987, p. 27, grifos do autor APUD. COSTA, 2019, p. 376).

A natureza revolucionária desta afirmação se encontra no posicionamento da educação como um instrumento a serviço de determinada classe, assim como a afirmação da existência de classes sociais e em como as mesmas interferem e consolidam as relações sociais que permeiam a sociedade. A filosofia da educação defendida pelo autor afirma a existência da classe e desta forma o mesmo optou e consolidou um paradigma educacional fundamentado no povo, se colocando a serviço do proletariado, ou seja, a defesa irrestrita de uma Educação Popular, construída com o povo, para na comunhão atuar na desumanização dos sujeitos, trabalhando na contradição entre oprimidos e opressores, que “nessa relação, oprimidos são submetidos à “invasão cultural”, ao “silenciamento” da sua palavra e a constante “desumanização”, o que os impede de concretizar a sua vocação ontológica na direção de “ser mais” e de sua “humanização” (PALUDO, 2019, p. 171).

O tema da educação de classes populares, largamente denominadas de oprimido ou, então, de povo, perpassa e é o centro de sua obra. É na sua mais importante obra, a Pedagogia do oprimido (2003), na qual amplia seu referencial teórico, dialogando com autores que comungam do ideário marxista: Lênin, Marcuse, Fromm, Kosik, Lukács, etc., que o autor discute, com profundidade, a relação entre opressores e oprimidos, evidenciando a dimensão política da educação e contrapondo concepções educativas (PALUDO, 2019, p. 171).

Alguns autores, como Neto (2007), interpretam, de forma equivocada, a obra de Paulo Freire, classificando-a como existencialista cristã, a analisando de forma unilateral, não compreendendo a materialidade da relação dialética entre a subjetividade e objetividade. Uma vez que o existencialismo defende a essência como pressuposto para existência, enquadrar Freire neste paradigma é deslegitimar a relação dialética entre os seres humanos e o mundo e a compreender de forma mecanicista.

A concepção e a prática “bancárias”, imobilistas, “fixistas”, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade

dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferente dos outros animais, quer são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanentemente na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade (FREIRE, 2011, p. 102).

É neste entendimento da realidade em estado de construção, de que os processos sociais não se dão de forma fatalista, determinista, que a análise social a partir do materialismo histórico-dialético parte. Deste modo, compreender a relação entre a subjetividade e objetividade, a partir deste paradigma, requer o entendimento da sociedade organizada em estrutura e supraestrutura. A primeira diz respeito a materialidade e a relação de classes, enquanto a segunda relaciona-se à ideologia e às relações políticas.

Neste cenário, por meio da pesquisa qualitativa bibliográfica, o presente artigo atua na aferição da compreensão de Freire enquanto intelectual orgânico<sup>5</sup> que pensa a estrutura e supraestrutura da sociedade, de forma dialética, a fim de desvendar a falsa dicotomia entre subjetividade e objetividade.

## Dialética do sujeito e da subjetividade: falsa dicotomia entre subjetividade e objetividade

O sonho é estratégico:  
um ato político necessário.  
Uma forma de estar sendo,  
que homens e mulheres têm  
A luta de classes é um motor da história.

5 Conceito construído por Antonio Gramsci, na obra “Os intelectuais e a organização da cultura” que se refere aos sujeitos que na produção intelectual atua a serviço de sua classe e desta é porta-voz;

O sonho também  
(Paulo Freire)<sup>6</sup>

Em 1968, exilado no Chile, Paulo Freire escreve *Pedagogia do Oprimido*, profundamente atravessado pela experiência da cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1962, processo no qual centenas de agricultores e agricultoras foram alfabetizados e alfabetizadas em 45 dias (PAULY, 2019). Este processo entrou para a história e culminou na sua obra mais radical, como também, no que tange à esfera da academia, com maior reconhecimento enquanto referencial metodológico, sendo estudado e aplicado em diversas instituições de ensino Brasil à fora.

Trivialmente diversas literaturas apontam falsas aproximações de Paulo Freire com os pensamentos da fenomenologia como também o caracterizam como um intelectual “humanista cristão”, negando assim a perspectiva marxista de cunho revolucionário estrutural de sua obra e pensamento. Neste cenário, o pensamento de Freire é disputado por diversas correntes epistemológicas e filosóficas, com este trabalho tendo como ponto de partida a negação de Freire enquanto um intelectual marxista, alicerçado no materialismo histórico dialético, no intento de refutar tal afirmação.

Na totalidade de sua obra é nítido a presença de vários elementos da supra-estrutura, refletindo a cultura e essência humana, elementos tais que compõem a totalidade humana. Também é possível identificar, entre outros elementos, características daquilo que Marx abordou como alienação, conceito central em sua obra e que sustentam diversas afirmações e construções teóricas. Em *Pedagogia da Esperança* (1992), o autor aborda este conceito por meio do termo desumanização/coisificação, processo que coloca os seres humanos em processo de total perda do saber de quem se é, da consciência do seu papel na sociedade de classes, como também a aniquilação do seu protagonismo social e histórico.

Essa ideia pode ser encontrada no prefácio à *Pedagogia da Esperança*, onde Freire, indignado com a “democratização’ da sem-vergonheci, expressão conjuntural dos processos de alienação, também reafirma a esperança como necessidade ontológica” (FREIRE, 1997, p.10) A alienação – expressa como invasão cultural, domesticação, opressão,

---

6 MELLO, Thiago de. POESIA. In *Dicionário Paulo Freire*. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 373 – 374, 2019.

mecanicismos, etc. – e os processos de enfrentamento ontologicamente sustentados podem ser as motivações mais fortes para o aprimoramento do trabalho educativo desenvolvido pelo pensador pernambucano (KIELING, 2019, p. 35).

Compreender o fenômeno da invasão cultural como parte constituindo da sociedade de classes, como também produto da construção de consensos para a naturalização das desigualdades sociais estruturais e históricas é compreender a materialidade na sua totalidade, abnegando da negação da dialética entre a objetividade e a subjetividade.

O que Marx criticou e cientificamente destruiu não foi a subjetividade, mas o subjetivismo, o “psicologismo”. A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os Homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens (FREIRE, 1987, p. 37 APUD CARON, 2019, p.305).

A subjetividade e objetividade são duas dimensões da relação entre seres humanos e natureza. O fazer social dos sujeitos, como também a realidade concreta, estão em relação dialética, uma vez que o entendimento da análise desqualifica o papel do sujeito no processo, como também o da própria realidade. Desse modo a visão para com os processos e a própria sociedade se dá de forma determinista, excluindo a dimensão criadora da sociedade o *vir-a-ser*. Ontologia (teoria do ser) e epistemologia (teoria do conhecimento) correspondem-se mutuamente.

Por isso, venho insistindo, desde a Pedagogia do oprimido, que não há utopia verdadeira fora da tensão entre denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário continua. A compreensão da história como possibilidade e

não determinismo, a que fiz referência neste ensaio, seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso, o nega. Assim é que, no primeiro caso, o papel histórico da subjetividade é relevante, tornando-se, no segundo minimizado ou negado. Daí que, no primeiro, a importância da educação, que, não podendo tudo, pode alguma coisa, seja reconhecida, ao passo que, no segundo subestimada (FREIRE, 1992, s/p).

A dialética do sujeito e da subjetividade atua na prática de emancipação humana, estritamente ligada à percepção de que ao mudar a natureza os seres humanos mudam a si próprios, elementos constitutivos do conceito clássico de trabalho, defendido por Marx em sua obra. É nesta perspectiva, de humanização por meio do trabalho (transformação da natureza), que as reflexões de Paulo Freire, no que diz respeito a ontologia, estão fundamentadas, desta forma corroborando com a tese da defesa de sua epistemologia materialista histórica e dialética.

Partindo da premissa de que a estrutura social não resultava da “soma (nem da justaposição) da infraestrutura com a superestrutura”, mas da “dialética entre as duas”, Freire reiterava o “indiscutível papel” que uma “revolução cultural” poderia representar no “processo de libertação das classes oprimidas” (FREIRE, 2006, p. 82). Assim ao estabelecer um olhar “existencialista/fenomenológico” sobre a estrutura da sociedade de classe apontadas por Marx, Freire talvez tenha proporcionado novos caminhos para o desenvolvimento e metodologias capazes de superar, no sentido dado por Konder (1988, p. 9-46), a grande lacuna da tradição marxista consigo própria, ou seja, a dialética do sujeito e da subjetividade (CARON, 2019, p. 305).

Neste cenário o autor também foi alvo de diversas críticas de marxistas ortodoxos e outros, estes que partem da aplicação da teoria de forma mecanicista à realidade concreta, desconsiderando os fatores sociais contemporâneos, negam que este seja um pensador marxista. Assim o autor dedicou-se em alguns de seus textos em explicar a “vaguidade” de determinados conceitos de sua obra, como também dar respostas a determinadas críticas, vide sua explanação em *Pedagogia da Esperança* referente às críticas a respeito de “negar” a luta de classes como motor da história.



Uma dessas críticas, aparentemente, pelo menos, mais formal, mecanicista do que dialética, estranhava que eu não fizesse referência às classes sociais, que eu não tivesse afirmado, sobretudo que a “luta de classes é o motor da história”. Estranhava que, em lugar de classes sociais, eu trabalhasse com o conceito vago de oprimido. [...] A já referida vaguidade do conceito de oprimido como do de povo a afirmação que faço no livro de que o oprimido, libertando-se, liberto ao opressor, o não haver, como antes sublinhei, declarado que a luta de classes é o motor da história, o tratamento que eu o indivíduo, sem aceitar reduzi-lo a puro reflexo das estruturas socioeconômicas, o tratamento que dava à consciência, à importância da subjetividade; o papel da conscientização que, na Pedagogia do oprimido, supera, em termos de criticidade, o a ela atribuído em Educação como prática de liberdade; a asserção de que “a aderência” à realidade em que se encontram as grandes massas camponesas da América Latina está a exigir que a consciência da classe oprimida passe, senão antes, pelo menos concomitantemente pela consciência de homem oprimido (FREIRE, 1992, s/p).

A defesa da epistemologia marxista dentro da obra de Paulo Freire (2011) se faz presente a cada lida de página, construindo por meio da educação popular um agir e ser revolucionário com os pés prendidos na realidade e a tendo como mediação nas relações sociais.

## Pedagogia do Oprimido: debatendo os passos percorrido por Paulo Freire

Numa nova história sem classes sociais, portanto sem conflitos, a não ser os puramente pessoais, não temos outra coisa a fazer senão nos darmos as mãos. Calejadas, de muitíssimos; macias, de uns poucos, para fazer, em festa, finalmente, o mundo.  
(Thiago Melo)<sup>7</sup>

7 MELLO, Thiago de. POESIA. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 373 – 374, 2019.

Paulo Freire, quando escreve *Pedagogia do Oprimido*, dá um salto qualitativo na compreensão da educação como um ato político, demarcando-a como uma ferramenta que se coloca a serviço da classe dominante. Por este motivo sinaliza que é tarefa urgente a construção de uma educação popular, ou seja, uma educação a serviço do povo, que ao invés de alienar e estabelecer consensos em prol da naturalização das desigualdades, atue para a liberdade e para a emancipação social. É necessário compreender a educação popular como um processo que não se restringe à escolarização, e sim uma prática presente em todas as esferas da vida.

É neste cenário que a *Pedagogia do Oprimido*, enquanto práxis da educação popular, tem papel fundamental na formação ontológica e epistemologia da luta revolucionária no mundo. Dividido em quatro capítulos, é uma das obras mais citadas no meio acadêmico.

No capítulo I o autor aponta a contradição dialética entre opressor-oprimido, onde o cerne do debate se expressa em “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 2011, p. 71). No capítulo II o autor apresenta o conceito de educação bancária em contraposição à educação problematizadora. A primeira sendo ferramenta de manutenção do status quo, compreendendo os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem como depósito de conteúdos, por isso bancária; e a segunda como promotora do diálogo para emancipação social e libertação dos sujeitos. “O mundo é o mediador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização” (PAULY, 2019, p.363). É neste capítulo que o conceito de humanização é aprofundado enquanto objetivo do processo educativo e da transformação social.

O capítulo III é marcado pelo debate de conceitos estratégicos para compreender a prática da *Pedagogia do Oprimido*, fundamentais para compreender a perspectiva revolucionária da educação defendida por Freire. São estes: diálogo, tema gerador e função pedagógica do partido político. Com isso temos a máxima de uma pedagogia feita *com* o povo e não *para* o povo e para tal é necessário o diálogo verdadeiro, para que seja possível compreender os temas geradores. E a partir destes, por meio do diálogo e mediados pela realidade concreta, tenha-se condições de elevar coletivamente o entendimento social sobre determinados assuntos. Assim, é por meio das situações limites e de incidir nos atos-limites, que se consegue iniciar um diálogo verdadeiro, com sentido, significado e que leva o educador aos temas geradores, pois “a superação não se faz no ato de consumir ideias,

mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (p.119) ” (PAULLY, 2019, p.363).

No capítulo IV a perspectiva é a de que será na organização popular que mudanças estruturais vão se concretizar na história do mundo. Isto se evidencia no desenvolvimento da teoria da ação dialógica, momento em que o autor aponta claramente o papel das lideranças políticas e sua relação com as massas, entendendo que não há espaço, nesta relação, para a falta de diálogo, temores em relação ao poder das massas, como também a tarefa de dizer seus erros e acertos. O capítulo também aponta a importância da unidade popular, compreendendo que esta “decorre da pluralidade inerente à diversidade das formas de Ser-mais, verdadeira vocação ontológica” (PAULY, 2019, p. 363).

Pedagogia do oprimido é um marco para a Educação popular, sendo a práxis de uma filosofia revolucionária a serviço do povo. A emancipação social, o diálogo como pressuposto para tal, fundam a consolidação de uma perspectiva teórica que reflete a subjetividade e objetividade, ontologia e epistemologia em uma relação dialética.

## Conclusões: Esperançar é preciso!

Em tempos nos quais a intolerância política, tal como as perseguições a teorias críticas, negação da ciência e pesquisa, reviver, colocar em prática e refletir os pensamentos de Freire é um ato revolucionário, que exige, assim como dito em a Pedagogia do Oprimido, constante libertação, seja daqueles e daquelas já libertos ou os em processo de humanização, por este motivo esperançar enquanto verbo de prática é urgente e necessário.

As reflexões em torno da epistemologia que direciona a produção e prática de Paulo Freire é um debate em aberto, com diversas possibilidades de leitura, mas é certo a presença dos conceitos do marxismo em sua obra, como também seu caráter revolucionário de cunho estrutural. Portanto, a defesa de Freire enquanto um intelectual orgânico marxista, não só é coerente, como também se materializa na realidade concreta.



## Referências bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A.; LUDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, p.33, 1986.

CARON, Marcos Macedo. **Marx/Marxismo**. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 304 – 306, 2019.

COSTA, Daianny. **Política**. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 375 – 376, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 2003.

KIELING, José Fernando. **Alienação**. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 34 – 35, 2019.

MELLO, Thiago de. **Poesia**. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 373 – 374, 2019.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular**. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 171 – 172, 2019.

PAULY, Evaldo Luis. **Pedagogia do Oprimido**. In Dicionário Paulo Freire. (Orgs.) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; Zitkoski. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 362 – 363, 2019.